

197 - PROJETO ROÇA SEM QUEIMAR: UMA PROPOSTA DE MANEJO AGROECOLÓGICO PARA A REGIÃO DA TRANSAMAZÔNICA – PARÁ.¹

Maristela Marques da Silva[†]; Paulo Emílio Lovato^{**}; Ima Célia Vieira^{***2}.

RESUMO

A utilização do fogo nos sistemas de produção praticados na região amazônica gera controvérsias e debates, envolvendo agricultores, cientistas e a população em geral. Com o objetivo de contribuir na reflexão sobre tal questão, é apresentado um estudo de caso sobre as práticas alternativas de preparo da área e de manejo sem o uso do fogo, desenvolvidas por pequenos agricultores que participam do "Projeto Roça Sem Queimar", na região da Transamazônica, no Estado do Pará. A pesquisa foi desenvolvida nos municípios de Altamira, Pacajá, Medicilândia e Uruará no Estado do Pará, utilizando-se o referencial teórico-metodológico da pesquisa qualitativa em Ciências Sociais e da pesquisa quantitativa no que se refere ao meio físico. O estudo demonstrou que a proposta sem o uso do fogo foi concebida a partir da valorização dos conhecimentos dos agricultores, e é composta por uma série de atividades inspiradas em alguns conceitos da Agroecologia. O método consiste em roçar a floresta secundária e deixar a biomassa vegetal – folhas, troncos e galhos – sobre a superfície do solo. Para auxiliar a decomposição desse material são cultivadas espécies que produzem grande quantidade de biomassa vegetal, conhecidas como plantas de cobertura. Os resultados indicam que, para desenvolver as atividades propostas pelo projeto, os agricultores necessitam tomar decisões adaptativas, pois o sistema de manejo proposto é muito diferente do sistema de corte e queima praticado por eles. Assim, houve diferenças na forma em que cada agricultor conduziu sua roça, resultado de sua participação nas organizações locais e também fruto das condições culturais e econômicas que cada agricultor está inserido. Os agricultores avaliam como positivos os resultados do projeto, mas a maioria ainda vai esperar os resultados econômicos para expandir a experiência e aplicar os conhecimentos adquiridos através do projeto em outras atividades desenvolvidas no agroecossistema.

Palavras chaves: sistema de corte e queima, princípios agroecológicos, roça sem queimar.

INTRODUÇÃO

O presente artigo analisa o **Projeto Roça Sem Queimar**, uma experiência pioneira coordenada pela Fundação Viver Produzir e Preservar, uma organização não governamental, que atua em vários municípios ao longo da rodovia Transamazônica no estado do Pará.

O projeto Roça Sem Queimar surgiu a partir dos questionamentos dos agricultores, a respeito dos problemas vivenciados no sistema de produção de corte e queima

¹ Este artigo baseia-se em parte dos resultados da dissertação de mestrado do primeiro autor (Pós-graduação em Agroecossistemas, Florianópolis: UFSC, 2003. 179p.)

² * Eng. Agr., Msc em Agroecossistemas, Prof.^ª UFPA - Campus Universitário de Altamira - PA, E-mail: mar_stela@yahoo.com.br. ** Eng. Agr., Dr. Prof. UFSC, E-mail: lovato@mbx1.ufsc.br. ***Eng. Agr. Dr.^ª. Pesquisadora do Museu Paraense Emílio Goeldi, E-mail: Ima@museu-goeldi.br.

desenvolvido na região. Em 1995, um membro da diretoria do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Medicilândia-PA, entidade ligada à ONG já citada, o Sr. Francisco de Assis Monteiro participou de alguns fóruns sobre Agroecologia que foram realizados em outras regiões. Após o retorno, o agricultor começou uma discussão sobre as possibilidades de se utilizarem os princípios da Agroecologia nos sistemas de produção praticados na região.

Desta forma, foi criada uma proposta de preparo de área sem utilizar o fogo, inspiradas na vivência dos agricultores da Transamazônica e em alguns princípios da Agroecologia, já utilizados em projetos desenvolvidos em outras regiões. A técnica consiste em utilizar áreas de floresta secundária, onde inicialmente é feita a roçagem para retirada da vegetação original. Os materiais resultantes da roçagem, galhos e troncos, ficam acumulados sobre a superfície do solo, onde são implantadas espécies de cobertura: mucuna-preta (*Stizolobium aterrimum* Pip. And Tracy), bananeira (*Musa sp.*) e de mamona (*Ricinus communis* L.). Tais espécies são utilizadas com o objetivo de "abafar" as ervas daninhas e auxiliar o processo de decomposição do material vegetativo oriundo da roçagem da própria vegetação existente na área (MONTEIRO, 2001). Nesses sistemas o plantio das espécies de valor econômico ocorre um ano após a implantação das espécies "abafadoras".

A partir das primeiras experiências que foram implantadas no município de Medicilândia, surgiu o projeto Roça Sem Queimar, que contou com o apoio do Ministério do Meio Ambiente, através da Secretária da Amazônia. O projeto foi iniciado, no ano de 2000, em oito Municípios ao longo da rodovia Transamazônica – Altamira, Brasil Novo, Medicilândia, Uruará, Placas, Rurópolis, Anapu, Pacajá – e em três Municípios às margens do rio Xingu - Senador José Porfírio, Porto de Moz e Vitória do Xingu. Foram beneficiadas 150 famílias, e cada uma possui um hectare cultivado sem o uso do fogo.

O objetivo do presente artigo é discutir como os agricultores estão utilizando as informações recebidas através do projeto Roça Sem Queimar dentro do agroecossistemas, e qual a avaliação que eles fazem da atual fase do projeto.

METODOLOGIA

Para dar base a essa abordagem, foi utilizado o instrumental teórico da pesquisa qualitativa utilizada nas ciências sociais, visto que a utilização de novas tecnologias no sistema de produção não pode ser analisada apenas sobre o ponto de vista técnico. Supõe-se que estejam envolvidos aspectos sociais e culturais passados através de

gerações e que agregam valores ligados à reprodução da família e a sua relação com o meio ambiente (MINAYO, 2000).

A pesquisa de campo foi realizada em dezembro de 2001 e em janeiro e agosto de 2002, em quatro municípios que participam do projeto: Altamira, Pacajá, Uruará e Medicilândia no estado do Pará. Foram entrevistados 29 agricultores nos quatro municípios estudados e três membros da diretoria da Fundação Viver, Produzir e Preservar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi possível verificar que mudanças na forma de encarar a representação predominante na região “*de que sem fogo não se produz*”, não ocorrem rapidamente, mas são resultado de um processo lento, construído gradativamente. Tais mudanças são carregadas de significados que vão além das questões práticas; há também motivações simbólicas. A partir da perspectiva de SHALINS (1976), verifica-se que a produção não possui apenas uma lógica material, mas é também uma intenção cultural organizada como um processo significativo do ser social. Assim, para esses agricultores, o uso do fogo vai além de facilitar a limpeza da área para o plantio, pois, somado ao sentido prático de limpar a área, o fogo tem o valor simbólico de trazer a fertilidade para terra e garantir a reprodução social da família.

Para desenvolver as atividades propostas pelo projeto, os agricultores necessitaram tomar decisões adaptativas, entendidas a partir dos ensinamentos de BENETT (1982), que considera como sistema adaptativo a tentativa de mudar um comportamento ou uma prática, para atingir um objetivo. Um exemplo dessas adaptações refere-se à forma de encarar a condução dos cultivos, pois, para a maioria dos agricultores, uma roça em boas condições deveria ser capinada várias vezes durante o ano. Por outro lado, na roça sem queimar o solo ficará coberto no primeiro ano, com grande quantidade de troncos e galhos, e no momento da implantação dos projetos agroecológicos alguns princípios devem ser considerados: *conservação da biodiversidade* – não derrubar espécies de valor econômico que estão presentes na área de floresta secundária; *plantio de espécies de cobertura* - visando à produção de biomassa vegetal para proteção do solo; *diversidade de cultivos* – plantio de diferentes espécies na mesma área.

Diante das diferenças que existem entre o sistema de cultivo de corte e queima e as atividades desenvolvidas no Projeto Roça Sem Queimar, os agricultores que

participam do projeto estão em diferentes etapas de entendimento dos princípios agroecológicos utilizados na proposta. A maioria dos agricultores avalia como positiva a experiência desenvolvida no projeto, mas 63% dos agricultores preferem esperar os resultados da produtividade dos cultivos que estão sendo implantados (principalmente, café, cacau e pimenta-do-reino). A partir disso, pretendem utilizar os princípios agroecológicos utilizados na roça sem queimar em outras atividades desenvolvidas na unidade de produção. Os demais 37% dos agricultores já estão utilizando os princípios agroecológicos em outras atividades que desenvolvem. É interessante destacar que, nesse último grupo, a maioria já possuía uma inserção direta em atividades de formação desenvolvidas pelo Sindicato ou em outras organizações antes de participar do Projeto Roça Sem Queimar.

Considerando a complexidade do uso do fogo nos sistemas de produção desenvolvidos na Amazônia, iniciativas como a do Projeto Roça Sem Queimar devem ser fortalecidas, para que os resultados possam ser conhecidos em outras regiões da Amazônia, não ficando restritas apenas à região da Transamazônica. O fortalecimento dessas experiências demandam uma continuidade no processo de formação para os agricultores envolvidos na proposta, com estratégias que levem em conta as diferentes fases de entendimentos, a partir das diferenças culturais e econômicas do grupo estudado.

BIBLIOGRAFIA

- BENNET, J. W. **Of time and the enterprise**: North American family farm management in a contest of resource marginality. Minneapolis: University of Minesota Press, 1982. p. 3-27.
- MINAYO, M.C. S . Fase do trabalho de campo. In **O desafio do conhecimento**. 7 ed. São Paulo - Rio de Janeiro: Hucitec, 2000. p. 105- 156.
- MONTEIRO, F.A. **A proposta de preparo de área sem o uso do fogo**. Altamira. Fundação Viver Produzir e Preservar., texto datilografado, 2001, 4 p.
- SAHLINS, M. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. p 185-257.
- SILVA, M.M. **Projeto Roça Sem Queimar**: uma proposta de manejo agroecológico para a região da Transamazônica – Pará. 2003 179 f. Dissertação (Pós – graduação em Agroecossistemas). Centro de Ciências Agrárias. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.